

LUÍS NASSIF

O reverendo Moon e o Pantanal

Hoje chega ao oeste do Mato Grosso do Sul, perto do paraíso ecológico de Bonito, comitiva internacional conduzida pelo senador americano Larry Pressler e pelo doutor Noel Brown. Pressler foi senador de 1979 a 1997, e ex-presidente do Comitê do Meio Ambiente do Senado americano. Brown é ex-diretor americano do Programa do Meio Ambiente das Nações Unidas. A comitiva é composta, entre outros, por Wally N'Dow, ex-secretário-geral do Hâbitat 2 (Conferência das Nações Unidas Para Assentamento Humano), e sua missão é avaliar a situação do Pantanal Mato-Grossense.

Tudo será patrocinado pela Conferência Mundial em Preservação e Desenvolvimento Sustentável do Pantanal (WCPSDP), um órgão ligado à seita do reverendo Sun Myung Moon. O episódio permite entender, pela primeira vez, as intenções do bilionário guru coreano para a região.

As razões que levaram o reverendo Moon a investir desde 1994 US\$ 30 milhões na região, adquirindo 50 mil hectares de terras no município de Jardim, ainda são difusas. Os moradores da região divulgam versões fantásticas. Ele pretendia atrair 1 milhão de coreanos para colonizar a região —o que não é possível pela própria constituição, que proíbe colonizações em terras fronteiriças.

No empreendimento —110 mil m² de área construída, entre salões, templos e casas— apresentam-se outras versões, mais incertas e fantasiosas ainda. A razão do reverendo ter se encantado com a região se deveria a um dourado que pescou no rio Taquari, e que o derrubou duas vezes, uma do barco onde estava, outra do leito do rio, onde tentava se equilibrar. O dourado derrubador teria sido o sinal que Moon precisava para concluir que ali seria seu novo empreendimento.

Outra razão, menos fantástica, é que, como os países da América Latina estão se unificando em torno do Mercosul, sua intenção seria fincar na região a base de uma ação, visando um raio de 200 km. Já possui investimentos pesados no Uruguai e uma fazenda de 80 mil hectares no Paraguai.

A região ainda é um faroeste.

No mês passado, um administrador do empreendimento, que acabou com esquema armado por imobiliárias locais, sofreu atentado, onde foram disparados dez tiros contra sua Veraneio —felizmente ninguém se feriu. Além de enfrentar o faroeste, a seita de Moon teve que enfrentar pressão forte da Igreja Católica e da imprensa regional. E, em dezembro, a visita de uma comitiva de 80 pessoas, entre os quais deputados federais envolvidos com o meio ambiente, atrás de motivos para abrir uma CPI por presumíveis danos ao meio ambiente. Nada encontraram e nem poderiam, por razões que, só agora, ficam mais claras.

Na verdade, embora no empreendimento se diga que Moon poderia investir até US\$ 100 milhões em recursos próprios na região, toda a estratégia consiste em montar um projeto ecológico e cultural relevante no Pantanal, para ter acesso às bilionárias fontes de financiamento ecológico disponíveis nas organizações multilaterais. Ele percebeu que nos próximos anos aumentarão exponencialmente os financiamentos a fundo perdido para projetos ecológicos. Tanto assim que, no ano passado, essa mesma WCPSDP organizou em Washington encontro semelhante, sobre o Pantanal, onde juntou políticos e técnicos da região de influência de Moon.

Nas próximas semanas, de um encontro que está sendo articulado, entre Moon e o governador Zeca do PT, deverão ser anunciados os projetos da seita para a região. Para um país incapaz de articular até seus próprios projetos ecológicos, talvez seja a oportunidade do Pantanal ganhar repercussão internacional —ainda que em cima do andar do reverendo Moon. Tivesse o país uma diplomacia mais ativa, não haveria necessidade de Moons. As próprias embaixadas já estariam tratando de articular os grupos de interesse ligados à ecologia e as grandes organizações multilaterais para atrair dinheiro verde para o país.

Mas, em terra de jacaré, que não tem Itamarati caça com Moon mesmo.

E-mail: lnassif@uol.com.br

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 fsp
 Nº 7/1/2000 Pg 2-3
 Class 46